



FEMINISMO NEGRO NA INTERNET: CYBERFEMINISMO OU ATIVISMO DIGITAL?

Zelinda dos Santos Barros¹

O advento das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) trouxe novas possibilidades de expressão política às mulheres na medida em que permitiu a transposição de barreiras geográficas e interconectou espaços antes nunca estimados. A Internet, destaca-se entre as tecnologias digitais que trazem, entre outras vantagens:

...barateamento dos custos; abrangência ilimitada; velocidade de transmissão; ruptura com as diretivas ideológicas e mercadológicas da mídia; autonomia para detonar campanhas, sejam elas de denúncia, de pressão, de conscientização ou de arrecadação de fundos; abertura de fóruns cooperativos (listas de discussão, conferências *on line*, *chats*).²

Contemporaneamente, é possível aliar novas tecnologias à atuação dos movimentos sociais, facultando o acesso de segmentos diversificados e que até então ignoravam ou representavam de forma distorcida as pautas de movimentos sociais como o feminista, o ambientalista e outros. Além disso, as TIC ampliaram o alcance das ações desenvolvidas na medida em que um número cada vez maior de moradores de locais de difícil acesso ou localizados em áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos se informam e passam a reivindicar direitos.

Indo além da perspectiva da tecnologia como instrumento, Pierre Lévy (1998) argumenta que na nova paisagem produzida pela evolução acelerada dos conhecimentos e pelo grande número de pessoas aprendendo e produzindo conhecimentos, as TIC teriam como finalidade fornecer os instrumentos para reunir os grupos humanos em *coletivos inteligentes*. Esta *inteligência coletiva* seria caracterizada pelo trabalho em conjunto como ponto de convergência de idéias e pessoas construindo a sociedade e envolveria não apenas aspectos cognitivos como também éticos, estéticos, tecnológicos e organizacionais.

Neste artigo, discuto como as possibilidades trazidas pela Internet articulam-se à prática feminista negra e discuto limites e possibilidades das expressões *cyberfeminismo* e *ativismo digital* para nomear o feminismo negro no cyberspaço.

Feminismo negro e Internet

¹ Antropóloga, Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos do Programa de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos (FFCH/CEAO/UFBA), e-mail zelindabarros@ufba.br

² MORAES, Dênis de. "O ativismo digital". *Biblioteca Online de Estudos da Comunicação*, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>.

A partir da crítica feminista negra, surgida na década de 60, nos Estados Unidos, o modo homogêneo como eram consideradas as mulheres nos estudos de gênero foi sendo repensado e, paulatinamente (ou melhor, tardiamente), foram incorporadas aos estudos feministas brasileiros reflexões nas quais a categoria *raça* passou a ocupar uma posição de maior destaque em relação aos estudos que vinham sendo feitos até então.

Realizados quase que exclusivamente por mulheres negras da consideração monolítica das mulheres em benefício de uma agenda política que privilegie um combate mais eficaz às desigualdades observadas na sociedade brasileira. A ênfase às diferenças entre as mulheres veio à tona com toda força e resultou num questionamento da própria posição privilegiada que desfrutam as mulheres brancas em relação às negras, inclusive as feministas.

Neste sentido, o feminismo negro constituiu-se num nó ao caráter rizomático e à capacidade de tecer redes interdisciplinares identificados por Tatiana Wells como características das organizações feministas (2005), pois mobilizou sujeitos que foram durante muito tempo (e, em alguns contextos, ainda são), subsumidos por uma perspectiva universalizante que encobre a dominação de umas mulheres por outras. Com isto, a perda da inocência da categoria “mulher”, tornou politicamente mais viável, para algumas, o caminho apontado por Donna Haraway (1991), ao falar de coalisão entre mulheres por *afinidade*, não por *identidade*.

No Brasil, até mesmo a ideia de um feminismo negro ainda permanece controversa, pois segmentos dos movimentos sociais negros resistem fortemente à possibilidade de uma organização feminista que não resulte em divisão na luta antirracista. Para eles, negritude e feminismo permaneceriam como categorias mutuamente exclusivas.

A reflexão de bell hooks sobre feminismo negro nos ajuda a lançar um outro olhar sobre a conjugação feminismo e antirracismo:

Frequentemente mulheres negras exigem que explique porque eu poderia me identificar como feminista se, usando este termo, me alio a um movimento racista. Eu digo: ‘A pergunta que devemos nos fazer repetidas vezes é como uma mulher racista pode chamar a si mesma de feminista’. (...) eu escolho reapropriar o termo ‘feminismo’, enfatizando que ser ‘feminista’, no sentido autêntico do termo, é ‘querer para todas as pessoas, machos e fêmeas, a liberação dos padrões sexistas de dominação e opressão’³.

Neste sentido, com uma visão renovada do conceito e da prática feministas, as mulheres negras se apropriam de mecanismos que fazem com que suas vozes ecoem cada vez mais longe, lançando as bases para uma articulação em rede potencializada por tecnologias como a Internet.

Pensar no potencial das tecnologias implica em entender que a evolução tecnológica provoca não somente uma introdução de novos produtos e usos como também a alteração de comportamentos prévios e a emergência de novos comportamentos num dado grupo social

³ HOOKS, Bell. *Ain't I a woman*. Black women and feminism. Boston: South End Press, 1981.

(KENSKI, 2007), o que implica em assimilar criticamente as possibilidades que são oferecidas pela cultura digital, ou “cibercultura”, como define Lévy (1999). A cultura criada a partir da introdução destas tecnologias pode, também a partir delas, refletir sobre si própria, percebendo que as apropriações e reelaborações político-culturais podem ser concretizadas a partir de distintas formas (MORGADO, 2005).

A apropriação das tecnologias digitais, segundo Samuel Wilson e Leighton Peterson (2002), não deve ser orientada pela visão demasiadamente otimista de que a Internet informaria e empoderaria mundialmente os indivíduos (“utopia online”) enquanto subverteriam estruturas de poder, porque tende a subestimar o poder do Estado de controlar o acesso à informação. Os autores citam os exemplos dos zapatistas e dos sobreviventes de Belgrado, que utilizam a Internet como forma de articulação internacional, mas enfatizam que em alguns Estados há esforços intensivos no sentido de regular e controlar o acesso às informações. Questões de gênero, raça e classe ainda impedem a igualdade de acesso.

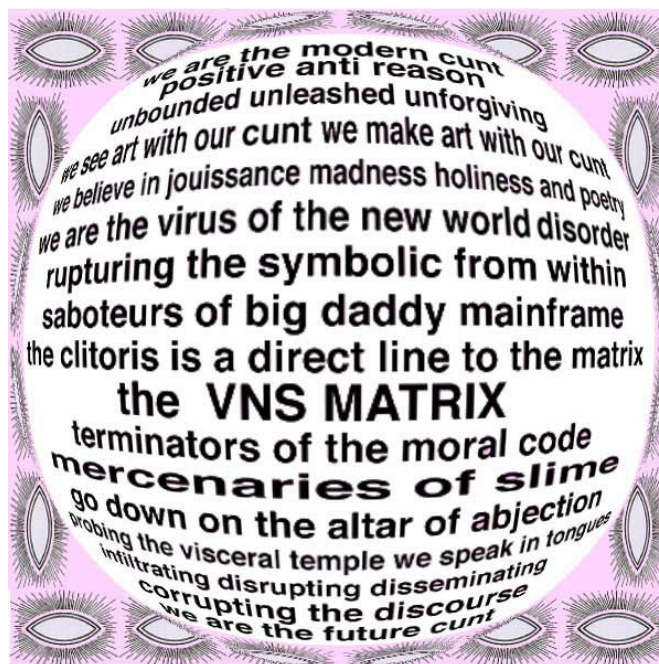
Apesar das limitações à apropriação da tecnologia por determinados segmentos sociais, podemos aproveitar as oportunidades de interação presentes no âmbito do cyberspaço no intuito de criar redes cuja atuação extrapolem o espaço virtual e permitam, por sua vez, a criação de estratégias coletivas – e também presenciais - para o enfrentamento da exclusão. Iniciativas feministas negras na web inalizam apropriações criativas da Internet com este objetivo.

Cyberfeminismo

Surgido como um fruto da era de comunicação anunciada por Nobeert Wiener em *Cybernetics: communication and control in animal machine*, publicado em 1948, o cyberfeminismo propõe uma apropriação, pelas mulheres, das tecnologias de informação e comunicação digitais.

O termo *cyberfeminismo* foi criado em 1991, por um grupo de feministas australianas chamado VNS Matrix, desfeito em 1997. Ao lançar o “Cyberfeminist Manifesto” (1991), paródia do “Cyborg Manifesto⁴” (1988), de Donna Haraway, o grupo lançou uma proposta que implicava a concepção de que as diferenças entre as mulheres seriam contempladas na rede, pois partia da rejeição a identidade universal mulher e o entendimento do cyberspaço como a concretização do mundo pós-gênero e pós-racial. Em 1997, foi fundada a Old Boys Network, primeira Aliança Internacional Cyberfeminista.

⁴ O ciborgue, para Haraway, é a criatura do mundo pós-gênero. É um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social, bem como uma criatura de ficção.



Cyberfeminism Manifesto, NVS Matrix, 1991

A definição do que é cyberfeminismo é controversa, pois, até mesmo na *I Cyberfeminist International*, primeira conferência cyberfeminista, ocorrida em setembro de 1997, em Kassel, na Alemanha, optou-se pela elaboração de um elenco de 100 anti-teses que definiam o que o cyberfeminismo não seria. Devido às suas mais variadas formas de apropriação e expressão, o cyberfeminismo não se encaixaria num conceito único. Cornelia Sollfrank (doc. www...) leva a abertura semântica do cyberfeminismo às últimas consequências ao recomendar: “*Create your own Cyberfeminism, any you find out the truth about it.*”⁵

Poderíamos, no entanto, deduzir que uma das principais preocupações do cyberfeminismo é a forma como as mulheres se inserem num mundo dominado por tecnologias e como são afetadas pelas novas tecnologias, pela tecnociência e a dominação capitalista das redes globais. O problema é que, perdidas na dispersão causada pelo que chamo de *self service identitário*, não há possibilidade de articulação possível contra os agentes da dominação capitalista ou quem quer que seja.

Para Maria Fernandez (2003), apesar da diversidade de expressões, raça e racismo são ignorados pelo cyberfeminismo. Ela diz que:

To discuss these issues might help cyberfeminists to develop and sustain diverse strategic and pleasurable alliances. To date, the most prominent cyberfeminist groups in Europe and the United States, are predominantly white despite various attempts to make the groups inclusive⁶.

⁵ SOLLFRANK, doc [www](http://www...).

⁶ FERNANDEZ, Maria, WILDING, Faith, WRIGHT, Michelle M. “Cyberfeminism, racism, embodiment”. *Domain Errors! Cyberfeminist Practices*. New York: Autonomedia, 2003.

O cyberfeminismo alimentaria, segundo Fernandez, a ilusão de que a interação no cyberespaço eliminaria as diferenças raciais, o que ignora a interdependência entre corpo e mente, pois pressupõe que a representação digital não é afetada por práticas materializadas no corpo. Argumento no mesmo sentido é apresentado por Faith Wilding, que afirma:

While affirming new possibilities for women in cyberspace, cyberfeminists must critique utopic and mythic constructions of the Net, and strive to work with other resistant netgroups in activist coalitions. Cyberfeminists need to declare solidarity with transnational feminist and postcolonial initiatives, and work to use their access to communications technologies and electronic networks to support such initiatives⁷.

Considerando a realidade brasileira, em que o acesso às novas tecnologias ainda não é realidade para uma significativa parcela da população, o primeiro desafio é assegurar às mulheres, especialmente as mulheres negras, condições de acesso às tecnologias digitais. Desta forma, se estamos ainda a caminho de assegurar condições mínimas para que a população feminina negra utilize tecnologias digitais no Brasil, é prematuro afirmar que as iniciativas que hoje temos na Internet podem ser chamadas de cyberfeministas. Mais importante, no entanto, é considerarmos que o cyberfeminismo aponta para um mundo pós-gênero, onde as solidariedades fundadas em afinidades raciais, de classe e de gênero são desnecessárias dado o caráter provisório e aberto das identidades.

A concretude da opressão não encontra no feminismo definido em termos tão fluidos um ponto de apoio. E como melhor caracterizar a presença feminista negra no cyberespaço? É disso que me ocuparei na seção seguinte.

Ativismo digital

Denis de Moraes (2001) define o *ativismo digital* como um fenômeno que se caracteriza pela utilização da Internet por organizações não-governamentais e demais entidades civis com o propósito de “...divulgar suas reivindicações e desenvolver espaços de interação e de mobilização pelos direitos da cidadania.”⁸ Nesta definição, a tecnologia torna-se aliada na busca por novas formas de convívio social e na luta pela garantia e preservação de direitos realizada por grupos de distintas tendências e orientações político-ideológicas. Aqui, aparece a principal diferença do cyberfeminismo em relação ao ativismo digital: enquanto o primeiro não defende bandeiras ou se orienta por ideologias (apesar da insinuação no nome), o ativismo digital marca sua posição no cyberespaço através de sua filiação ideológica, que pode não ser necessariamente de caráter

⁷ WILDING, Faith. “Where is feminism in cyberfeminism?”. *Old Boys Network*. Disponível em <http://www.obn.org/inhalt_index.html>

⁸ MORAES, op. cit.

partidário, mas refere-se à defesa de uma causa em torno da qual pessoas e instituições são intencionalmente mobilizadas.

A dinâmica do ativismo digital é multidirecional e aponta para a ampliação do alcance das iniciativas, na medida em que tanto permite consolidar a atuação de grupos já atuantes fora do cyberspaço como para os que fazem o movimento contrário, ou seja, iniciam no mundo virtual e se ramificam para organizações dotadas de materialidade geográfica. Um exemplo de grupo já consolidado que fortaleceu suas ações através da Internet é o Geledés – Instituto da Mulher Negra (www.geledes.org.br), que inicialmente abrigava informações sobre a organização e hoje é um dos portais de referência para quem procura informações úteis à luta em prol da igualdade racial e de gênero. Para organizações deste tipo, a Internet passa a ser “...*uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos e panfletos.*”⁹.

Considerações finais

O potencial criativo implícito nas tecnologias digitais ainda não foi devidamente explorado pelos segmentos que carecem de canais de expressão de suas demandas por direitos devido às dificuldades socioeconômicas e de formação educacional, o que faz com que o que é vivido como realidade por uns seja apenas virtualidade para outros. Um dos grandes desafios a serem considerados no processo de revitalização do feminismo mediado por tecnologias de informação e comunicação é o acesso desigual às mesmas.

Ademais, há o perigo de que a sedução pela tecnologia prescindia da mobilização presencial, fortalecendo a postura individualista - tão em voga contemporaneamente. Afinal, como toda tecnologia, a TIC “...*não permite somente o agir sobre a natureza, mas é, principalmente, uma forma de pensar sobre ela*”¹⁰ e as questões envolvidas no seu uso são referidas não somente ao cotidiano das mulheres como também dizem respeito aos seres humanos como espécie que se faz e refaz continuamente.

Numa proposta de intervenção política que proponha uma ruptura com a estrutura desigual de gênero, o cumprimento da missão de quem acede aos novos canais de comunicação vai além da mera transmissão dos conteúdos de fruição estética, pois necessita da participação ativa das envolvidas e do uso adequado dos recursos. Por isto que, pelo que já discutimos acima, mais coerente seria falarmos de *ativismo digital* e não de *cyberfeminismo* para nomear iniciativas de enfrentamento às desigualdades de gênero e raciais na Internet.

⁹ MORAES, op. cit.

¹⁰ LEITE, 2006.

Referências bibliográficas:

CALDWELL, Kia Lilly. “Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil”. *Estudos Feministas*. CFH/CCE/UFSC, v. 8, n. 2, 2000, p. 91-108.

FERNANDEZ, Maria, WILDING, Faith, WRIGHT, Michelle M. “Cyberfeminism, racism, embodiment”. *Domain Errors! Cyberfeminist Practices*. New York: Autonomedia, 2003.

HARAWAY, Donna. "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century". In: *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991, p.149-181. Disponível em < <http://www.stanford.edu/dept/HPS/Haraway/CyborgManifesto.htm> l>

HOOKS, Bell. *Ain't I a woman*. Black women and feminism. Boston: South End Press, 1981.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007. 141 p.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *A inteligência coletiva*. Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LEITE, Márcia. “Tecnologia e educação”. Rio de Janeiro: SENAC, 2006. mimeo.

MORAES, Dênis de. “O ativismo digital”. Biblioteca Online de Estudos da Comunicação, 2001. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html> >

MORGADO, Lina. “O papel do professor em contextos de ensino on-line: problemas e virtualidades”. Rio de Janeiro: SENAC, 2005. mimeo.

SOLLFRANK, Cornelia. “The truth about cyberfeminism”. Disponível em < <http://archive.constantvzw.org/events/e12/nl/corsolnl.html> >

WELLS, Tatiana. “O ciberfeminismo nunca chegou à América Latina”. *Labrys – Estudos Feministas*, Brasília, jan-jul 2005. Disponível em < <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/cyber/tatiana.htm> >

WILDING, Faith. “Where is feminism in cyberfeminism?”. *Old Boys Network*. Disponível em < http://www.obn.org/inhalt_index.html >

WILSON, Samuel M., PETERSON, Leighton C. “Anthropology of online communities”. *Annual Review Anthropology*, 2002. n. 31, p. 449–67.

ANEXO

old boys network

100 anti-theses

cyberfeminism is not ...

1. cyberfeminism is not a fragrance
2. cyberfeminism is not a fashion statement
3. sajbrfeminizm nije usamljen
4. cyberfeminism is not ideology
5. cyberfeminism nije aseksualan
6. cyberfeminism is not boring
7. cyberfeminism ist kein gruenes haekeldeckchen
8. cyberfeminism ist kein leerer kuehlschrank
9. cyberfeminism ist keine theorie
10. cyberfeminism ist keine praxis
11. cyberfeminism ist keine traditio
12. cyberfeminism is not an institution
13. cyberfeminism is not using words without any knowledge of numbers
14. cyberfeminism is not complete
15. cyberfeminism is not error 101
16. cyberfeminism ist kein fehler
17. cyberfeminism ist keine kunst
18. cyberfeminism is not an ism
19. cyberfeminism is not anti-male
20. sajbrfeminizm nije nesto sto znam da je
21. cyberfeminism is not a structure
22. cyberfeminismo no es uns frontera
23. cyberfeminism nije poslusan
24. cyberfeminism nije apolitan
25. cyberfeminisme is niet concreet
26. cyberfeminism is not separatism
27. cyberfeminism is not a tradition
28. cyberfeminism is not maternalistic
29. cyberfeminisme id niet iets buitenlands
30. cyberfeminism is not without connectivity
31. cyberfeminismus ist nicht mehr wegzudenken
32. cyberfeminismus ist kein oxymoron
33. cyberfeminism is not on sale
34. cyberfeminism is nor for sale
35. cyberfeminismus ist nicht gut
36. cyberfeminismus ist nicht schlecht
37. cyberfeminismus ist nicht modern
38. cyberfeminismus ist nicht post-modern
39. cyberfeminism is not natural
40. cyberfeminism is not essentialist
41. cyberfeminism is not abject
42. cyberfeminism is not an avatar
43. cyberfeminism is not an alter ego
44. cyberfeminismus ist nicht truegerisch
45. cyberfeminismus ist nicht billig
46. cyberfeminismus ist nicht willig
47. cyberfeminisme n'est pas jaloux
48. cyberfeminism is not exclusive
49. cyberfeminism is not solid
50. cyberfeminism is not genetic
51. cyberfeminismus ist keine entschuldigung
52. cyberfeminism is not prosthetic
53. cyberfeminismo no tiene cojones

54. cyberfeminisme n'est pas triste
55. cyberfeminisme n'est pas une pipe
56. cyberfeminism is not a motherboard
57. cyberfeminism is not a fake
58. cyberfeminism nije ogranicen
59. cyberfeminism nije nekonfliktan
60. cyberfeminism nije make up
61. cyberfeminism nije zatvoren prozor
62. cyberfeminism is not a lack
63. cyberfeminism is not a wound
64. cyberfeminism is not a trauma
65. cyberfeminismo no es una banana
66. cyberfeminism is not a sure shot
67. cyberfeminism is not an easy mark
68. cyberfeminism is not a single woman
69. cyberfeminism is not romantic
70. cyberfeminism is not post-modern
71. cyberfeminism is not a media-hoax
72. cyberfeminism is not neutral
73. cyberfeminism is not lacanian
74. cyberfeminism is not nettime
75. cyberfeminism is not a picnic
76. cyberfeminism is not a coldfish
77. cyberfeminism is not a cyberepilation
78. cyberfeminism is not a horror movie
79. cyberfeminism is not science fiction
80. cyberfeminism is not artificial intelligence
81. cyberfeminism is not an empty space
82. cyberfeminism is not immobile
83. cyberfeminism is not about boring toys
for boring boys
84. cyberfeminismus ist keine
verlegenheitsloesung
85. cyberfeminism is not a one-way street
86. cyberfeminism is not supporting quantum
mechanics
87. cyberfeminism is not caffeine-free
88. cyberfeminism is not a non-smoking area
89. cyberfeminism is not daltonistic
90. cyberfeminism is not nice
91. cyberfeminismo no es callado
92. cyberfeminism is not lady.like
93. cyberfeminismus ist nicht arrogant
94. cyberfeminismus ist keine nudelsauce
95. cyberfeminism is not mythical
96. cyberfeminism is not from outer space
97. cyberfeminismo no es rock 'n roll
98. cyberfeminism is not dogmatic
99. cyberfeminism is not stable
100. cyberfeminism has not only one
language

